



PLACEBO

Também conhecido apenas como amido com açúcar o placebo é uma substância teoricamente “sem efeito”, que ingerida no organismo humano produz efeito que suas propriedades não o possuem, e dessa forma traduzem ao paciente ter tomado um remédio capaz de lhe causar a cura.

O placebo também pode ser encontrado nas cirurgias espirituais, psicoterapia, entre outras terapias alternativas.

Na verdade o placebo vem de muito tempo, se pensarmos bem na definição de placebo poderemos perceber que nossos avós já o utilizavam e isso vem sendo passado de geração em geração, por exemplo, na hora de dormir, quando nos machucávamos, e assim por diante.

Outra forma que pode ser apresentada de placebo é a cura pela fé, orações que até que não se encontre definitivamente uma explicação para tais milagres, são conhecidas como placebo.

Regularmente faz-se experiências com grupos A e B onde o grupo A se beneficiam de remédios tipo droga e o grupo B com remédio tipo placebo, para verificação de resultados, isto porém tem-se uma certeza, a de que realmente faz efeito, o que ainda não é totalmente explicado é como e porque.

Quando ele pode ser benéfico:

1. O médico, por observação clínica, tem de início um pré-diagnóstico da possível doença do paciente mas não deseja administrar uma droga química, devido aos efeitos colaterais indesejáveis, e então aplica um ‘remédio’ que na verdade não tem a função de curar aquela doença. O paciente toma e, acreditando estar tomando um remédio poderoso, fica livre da doença ou pelo menos dos sintomas;
2. O paciente deseja sinceramente se ver livre de alguma doença ou problema físico e não só deposita esperança no remédio que está tomando, mas também permite que o remédio faça efeito;
3. O indivíduo, mesmo sabendo que está tomando um placebo, ainda assim deseja se livrar do desconforto físico e o próprio indivíduo, atribuem qualidades de cura ao ‘remédio’ e permite também que esse faça o efeito;
4. A simples ida ao médico, que compreende a presença do médico diante do paciente, o ritual da anamnese (coleta de dados) e da observação clínica, o toque da mão do médico na pessoa, a atenção, a roupa branca do médico, esse aparato, por si só, é passível de provocar o efeito placebo, quando o paciente manifesta melhoras, porque confia em seu médico;
5. Nos casos em que, ingerido em lugar de uma droga química, não provoca os efeitos colaterais que a droga provocaria. Existem pacientes que são sensíveis ou alérgicos



a certos medicamentos, e o placebo, como uma substância inerte, não provoca efeitos colaterais;

6. Quando promove a cura, a melhora ou o alívio da doença;
7. Nas questões do stress e em pessoas com úlceras gástricas, verrugas, artrites e outras deficiências relacionadas ao sistema imunológico;

Quando ele pode ser maléfico:

1. Quando o paciente toma um placebo e sente melhora dos sintomas, mas na realidade a doença continua avançando e pode ser fatal;
2. Quando, diante de uma droga química comprovadamente eficaz para determinada, o médico opta por um placebo;
4. Na automedicação, quando um placebo é recomendado por um amigo ou comprado por conta própria na farmácia;
5. Quando a pessoa despende seu tempo, sua vida e suas economias com um tratamento tipo placebo que não é a melhor indicação para o seu caso;
6. O placebo não funciona para doenças mais sérias como o câncer, para a qual seria mais indicado o tratamento tradicional.

No entanto a conduta de um médico nunca deve ser de enganar seu paciente, por outro lado ela não pode furtar-se em fazer aliviar suas dores.

Jucemar de Santi Veroneze
Dourados/MS, 15 de Abril de 2008